

Conflito e Cooperação – Os Polos das Relações Romano-Góticas

Sandro Teixeira Moita

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: A Segunda Guerra Gótica (376-382) e a Batalha do Rio Frigidus (394) foram episódios decisivos nas relações romano-góticas. Em tais momentos, os contatos entre os dois povos, Romanos e Godos, experimentaram diferentes formas de manifestação, oscilando do conflito aberto à cooperação. Tais contatos serviram principalmente para um processo de redefinição da própria identidade dos Godos, e produziram mudanças profundas na sociedade gótica, em especial na sua expressão política, na qual se identifica um processo de transformação de realeza. Buscaremos demonstrar como se deram tais contatos entre os Godos e o Império Romano, salientando o papel da mudança dessa "identidade gótica" em tão curto período de tempo e apontar hipóteses sobre como teria ocorrido este processo.

Palavras-chave: História Militar; Império Romano; Godos.

Conflict and cooperation – the poles of the relations between Romans and Goths

Abstract: The Second Gothic War (376-382) and the Battle of the River Frigidus (394) were crucial episodes in the relations between Romans and Goths. During those moments the contacts between the two people experimented different forms of manifestation, coming from the conflict to the cooperation. Those contacts served mainly to the process of redefinition of the identity of the Goths, and produced profound changes in the process of changing of the royalty. We seek to demonstrate how such contacts between the Goths and the Roman Empire happened, highlighting the role of the change of the "gothic identity" in the very short period of time, and also to indicate some hypothesis on how that process had happened.

Keywords: Military History; Roman Empire; Goths.

O objetivo de tal pesquisa foi levantar apontamentos sobre as manifestações no campo militar das relações romano-góticas em fins do século IV. Para tal, delimitamos o tempo de 378, quando da Batalha de Adrianópolis a 394, na Batalha do Rio Frigidus, no qual entendemos ser o espaço de tempo apto a demonstração de tais manifestações. Nesse ínterim, percebemos o viés do conflito e da cooperação que marcaram as relações romano-góticas.

O conflito. A Guerra é um fenômeno complexo, presente em todas as sociedades humanas. A História está permeada por sua presença e tal fenômeno é objeto de estudos de longa data pelos historiadores.

Diversas são as teses que explicam o tipo de acontecimento que ela seria. Alguns preferem colocá-la como um fato de natureza política, tal como foi pensado por Carl Von Clausewitz no século XIX. Outros preferem a tese da guerra como um fenômeno cultural, advogada pelo historiador militar inglês John Keegan. Nosso entendimento é que não podemos submeter a presente pesquisa a uma dessas teorias, pois não seria suficiente para abranger o estudo da guerra nas sociedades germânicas antigas.

Para compreender porque os Godos sempre buscaram a Guerra, é necessário ter em mente o papel da atividade bélica nas antigas sociedades germânicas. Ela não era somente uma luta pelo poder, mas um complexo ritual que conferia um status e prestígio diferenciados aos guerreiros nesta sociedade.

Em suma, a guerra era um acontecimento que permeava todas as camadas da vida nas sociedades germânicas. Por causa disso, podemos compreender o peso dessa tradição guerreira, ao ponto de influir nas decisões dos reis e chefes guerreiros germânicos. Um exemplo é a famosa carga liderada pelo rei dos Visigodos, Teodorico I, na Batalha de Chalons (451, também conhecida como Batalha dos Campos Catalúnicos) contra os Hunos de Átila. Teodorico liderou uma carga furiosa contra as linhas hunas, destruindo a vanguarda hunas, mas morreu na luta, pisoteado pelo seu próprio cavalo.

Em uma civilização como esta, a morte do guerreiro no campo de batalha constituía o ápice da atividade bélica, é fácil entender porque os germanos, e no caso da pesquisa, especificamente, os Godos, se lançavam tão a própria sorte no campo de batalha. A temeridade e a vontade de combater forças “malignas”, como nas histórias da mitologia

germânica formavam a ideologia perfeita para compor o guerreiro germânico: um combatente que desejava a vitória, mas também buscava a morte no campo de batalha.

Em 9 de Agosto de 378, o Imperador Valente, regente da metade oriental do Império Romano desde 364, marchou confiante com uma poderosa força do Exército Imperial visando travar uma batalha contra um grupo de Godos, um povo bárbaro germânico que estava em território romano há cerca de dois anos. Tudo indicava para uma vitória rápida sobre os Godos, indicavam os seus oficiais.

Mas ao final da tarde daquele dia, Valente estava morto e as forças imperiais destruídas no campo de batalha. Como foi possível que os Godos tivessem obtido tal vitória sobre os romanos, donos da mais poderosa máquina militar da Antiguidade?

Para compreender como Adrianópolis ocorreu se faz necessária uma reflexão sobre as instituições militares germânicas, e como seu desenvolvimento influenciou no resultado da batalha e da Segunda Guerra Gótica (376-382).

Com qual tipo de guerreiro os Godos travariam este conflito contra o Império Romano e sua poderosa máquina militar, mais especificamente o Exército Imperial?

Os Godos não possuíam uma instituição como o Exército Imperial nem algo que ao menos se parecesse com este. Sua forma de guerrear era maneira tradicional dos povos germânicos – um exército composto por guerreiros. Era uma sociedade guerreira sem soldados. A guerra era um fenômeno que tocava todos os aspectos da vida da sociedade gótica – econômica, política, religiosa e cultural.

Quando ainda eram pagãos, o principal Deus adorado pelos Godos era *Tiwaz*, celebrado por ser um guerreiro que sempre traria a vitória em batalha. Prisioneiros de guerra eram sacrificados em honra a divindade bem como suas armas e armaduras eram penduradas em árvores como oferendas. A conversão ao Cristianismo se deu por um bispo ariano, Ulfilas, que traduziu a Bíblia do latim para o gótico. A conversão causou problemas com os romanos nas províncias onde os Godos estavam, pois a maioria era pertencente ao credo niceno, ao passo de que o arianismo estava cada vez mais sendo proscrito e transformado em heresia.

Além da devoção a divindades ligadas à guerra, os Godos, como todo povo

germânico, glorificavam a batalha como ápice da vida do guerreiro. A morte em batalha era desejada e mesmo buscada por alguns, e isso dava uma especial agressividade aos Godos quando do combate. Bravura e fúria eram esperadas do guerreiro quando em combate.

A guerra era um modo de vida nessa sociedade. Um homem tornava-se um guerreiro e vivia das pilhagens que obtinha para sustentar a família, ou caso tivesse uma condição melhor, o seu próprio grupo de guerreiros, o *comitatus*. Tal guerreiro não era um combatente especializado como o soldado do Exército Imperial, que poderia ser um infante, um cavaleiro, um sapador ou mesmo ter outras especializações. O guerreiro godo era um homem capaz de combater a pé e a cavalo, e quando o exército godo estava disposto em batalha, não havia uma divisão formal entre infantes e cavaleiros – ele poderia ser designado para montar em combate, ou desmontar e combater a pé.

Uma característica singular dos Godos em contraponto aos demais povos germânicos, era que faziam largo uso de armas à distância, como arcos, dardos e até fundas, que serviam para fustigar o inimigo antes do choque contra as linhas góticas. Tal expediente foi sempre utilizado por eles, como se pode observar nas batalhas da Segunda Guerra Gótica, onde lançavam o máximo possível de projéteis antes do combate corpo-a-corpo.

A incapacidade romana em resolver a questão dos Godos quando do eclodir da guerra em 376 gerou um sangrento impasse que durou dois anos e só seria resolvido com a chegada do Imperador Valente em 378, junto com a elite do Exército Imperial no oriente.

Valente estava hesitante quanto a ter de se deslocar pessoalmente para a Trácia. Ele não desejava abandonar sua campanha contra os sassânidas, que estava indo razoavelmente bem. Mas com os fracassos romanos nos dois primeiros anos de campanha, o imperador percebeu que o problema representado pelos Godos era agora uma terrível ameaça para a segurança da Trácia, da capital imperial do leste, e mesmo das próprias comunicações entre o Ocidente e o Oriente romanos. A devastação empreendida pelos Godos era tal que o imperador baixou os impostos das províncias da Mésia, Cítia e Trácia em 377.

Sua intervenção era necessária, e ele se deslocou, enfim, lançando mão de outro recurso que tinha a mão. Requisitou a ajuda do Ocidente, do seu sobrinho e “augusto júnior”, Graciano, que já estava atento ao problema gótico desde 377 e inclusive já tinha

colocado oficiais e tropas para combatê-los, embora elas tenham desempenhado papel menor na guerra até então.

Cabe aqui explicar que Valente era o Imperador romano e também Graciano. Valente governava no modelo inspirado por Diocleciano (284-305), no qual o Império passou a ser governado por uma Tetrarquia, com dois imperadores e dois “augustos”, com uma divisão entre Ocidente e Oriente com fins de melhorar a administração imperial. O sistema da Tetrarquia ruiu pouco depois de Diocleciano abdicar da dignidade imperial, mas tornou-se uma prática entre os imperadores seguintes nomear co-imperadores ou “augustos juniores” para governar o Império.

Nesse meio tempo, os romanos continuaram com uma estratégia de ganhar tempo enquanto concentravam forças. Destacam-se aí as ações do general Sebastianus, que com uma força de elite composta por 300 homens, empreendeu diversas operações contra as frações dos Godos, com muito sucesso. Sua força chegou a 2 mil homens e ele atacou uma coluna gótica que buscava suprimentos próximo a Adrianópolis. Tal ação apontaria para o desfecho da situação.

Com os informes de que dois imperadores vinham para lhe enfrentar, e as ações de Sebastianus gerando baixas entre os Godos, Fritigern decidiu reunir todas as colunas em torno da cidade de Cabyle, onde concentraria suas forças e lançaria um ataque antes da reunião dos imperadores. A área escolhida por Fritigern era um importante nó das comunicações na Trácia, onde diversas estradas imperiais se cruzavam (KULIKOSKI, 2008: 164).

Graciano seguia na marcha rumo a Trácia, mas foi detido primeiro por uma doença e depois por uma emboscada feita pelos alanos, que lhe impôs perdas consideráveis. Valente reuniu sua força, num total que estimamos de 20 mil homens e seguiu para Adrianópolis, que era o centro de operações da força de Sebastianus. Fritigern também se moveu nessa direção, em um movimento indicando que atacaria Valente pela retaguarda. O imperador enviou forças para bloquear os Godos e chegou a Adrianópolis.

Assim, em 7 de agosto de 378, Valente reuniu seus generais para discutir a situação. As notícias eram animadoras: as vitórias da força de Sebastianus, informes de que as forças dos Godos não ultrapassavam 10 mil homens e a aproximação de Graciano, que enviava

mensagens a todo momento pedindo que o tio lhe esperasse para atacarem juntos.

O alto comando estava rachado: de um lado, generais liderados por Sebastianus defendiam a tese de que Valente deveria atacar o quanto antes, e obter a glória somente para si, ao invés de dividi-la com Graciano, já coberto pela vitória sobre os alamanos. Do outro, generais liderados por Victor defendiam esperar por Graciano e deixar os Godos sucumbirem pela fome (KULIKOSKI, 2008: 165-166).

Valente escolheu o caminho mais rápido. Decidiu por lançar-se na batalha contra os Godos, contando com a vitória. Não a dividiria com seu sobrinho. Saiu de Adrianópolis em 9 de agosto de 378, após ignorar duas ofertas de paz de Fritigern, convencido da certeza da sua vitória.

Após marchar 13 quilômetros, as forças imperiais avistaram o *laager*. Tal marcha deve ter sido extenuante para os romanos, pois investigações arqueológicas indicam que, no sítio da batalha, a temperatura no alto verão, época da batalha, pode ter chegado a 50°C, o que seria um tormento para homens equipados com armaduras, elmos e armas (MACDOWALL, 2001: 69).

Valente queria resolver tudo rapidamente e não deu tempo para que as tropas descansassem nem se alimentassem. E para piorar, os Godos atearam fogo em diversos pontos do campo, e com a ajuda do vento, aumentaram a sensação térmica de calor entre os romanos, que sufocavam com a fumaça das fogueiras. E os batedores indicaram que a força de Fritigern poderia ser maior do que se imaginava. Valente então hesitou e aceitou as tentativas de negociação dos Godos.

As negociações eram apenas um estratagema de Fritigern para ganhar tempo, enquanto os Greuthungi retornavam do campo, onde estavam alimentando a sua grande cavalaria. Oficiais romanos se preparavam então para serem enviados ao campo gótico enquanto boa parte da tarde se esvaía em formalidades. O emissário romano, o general Richomeres, viu que sua missão havia tornado-se inútil.

O Imperador estava vacilante, e os subordinados tomaram a decisão. Duas unidades no flanco direito romano, sendo uma da cavalaria de elite da guarda imperial, iniciaram a luta contra os Godos sem receber ordens, e logo arrastaram todo o exército romano em campo, que ainda não havia terminado de dispor suas linhas de batalha, especialmente no

flanco esquerdo.

Os Godos repeliram o ataque das duas unidades, e mantiveram sua linha. Fritigern resistia, esperando pelo surgimento de Alatheus e Saphrax. O flanco esquerdo romano avançou, protegido pela cavalaria romana, conseguindo chegar ao *laager* gótico. Começou a surgir neste ponto a cavalaria gótica.

A feroz resistência dos Godos e o surgimento das primeiras forças de cavalaria gótica fizeram com que a cavalaria romana fugisse do campo de batalha, deixando a infantaria exposta. O flanco esquerdo das tropas romanas, que estava próximo ao *laager* foi isolado e destruído pela infantaria e cavalaria gótica. Alatheus e Saphrax surgiram neste momento, lançando uma poderosa carga da cavalaria Greuthungi e alana que desorganizou as linhas romanas.

A infantaria romana ficou pressionada a um ponto em que de um exército passou a se tornar um amontoado de homens, onde os soldados não tinham espaço nem para usar suas armas, além do que diversos romanos morreram feridos pelas armas de seus companheiros. As unidades de elite e a guarda imperial foram esmagadas no campo de batalha. Generais como Victor e Richomeres tentavam trazer as reservas para o campo, mas ao verem a fuga da cavalaria romana do campo e o massacre em que a batalha estava se tornando, as unidades fugiram, e vendo seus esforços inúteis para mudar a sorte da batalha, os próprios generais se evadiram para salvarem suas vidas. Ao fim da tarde, a linha romana explodiu em uma fuga generalizada.

A fuga rapidamente tornou-se uma carnificina, enquanto algumas unidades romanas se mantinham em posição, resistindo até o fim. Uma das histórias sobre o fim de Valente é que ele teria se refugiado entre as legiões *Lanciarri* e *Matiarii*, onde caiu após ser atingido por uma flecha. Outra história diz que ele teria conseguido se evadir do campo de batalha, ferido, sendo levado para dentro de uma casa, onde agonizava. Quando os Godos se aproximaram, os guardas imperiais teriam disparado flechas contra eles, o que gerou uma reação dos Godos, que cercaram a casa e atearam fogo a ela. Um homem escapou e avisou que eles tinham acabado de perder a chance de capturar o Imperador em combate. Seja qual for, o fato é que o corpo de Valente nunca foi achado. Com ele pereceram generais como Sebastianus, 35 tribunos e dois terços das tropas romanas que tinham saído de Adrianópolis na manhã do dia 9 de agosto de 378 (MACDOWALL, 2001: 80).

A vitória gerou um paradoxo para Fritigern, pois alimentou ambições nos seus chefes guerreiros que ele não foi capaz de deter. Sua autoridade foi se perdendo, enquanto grupos de guerreiros se formavam e saíam em busca de butins e pilhagens ou mesmo tributos pagos pelas cidades para que lhes deixassem em paz.

Em janeiro de 379, Graciano aponta Teodósio como imperador do oriente, deixando a responsabilidade da condução da guerra gótica para ele, retirando-se dos Bálcãs. Para o imperador do ocidente, não valia mais a pena arriscar-se numa guerra em que ele poderia perder tropas como Valente perdera. Isso explica também a dificuldade que Teodósio enfrentou para poder recuperar os Bálcãs, pois Graciano não cooperou em nada, diferente do que tinha feito com Valente.

Tais ações não trouxeram a paz. Ela só viria em outubro de 382, após complexas negociações com lideranças góticas, nos quais foi garantida boa parte dos termos do tratado de asilo de 376. Entretanto, havia uma condição que mudava a natureza do relacionamento: os Godos deveriam fornecer soldados quando solicitados pelo Império, com seus príncipes tribais recebendo comandos militares subordinados aos generais romanos.

A Segunda Guerra Gótica terminara, depois de terríveis seis anos de privações e uma forte desestabilização do limes do Danúbio. Agora, os agentes que tinham sido promotores de tal caos eram os mesmos que deveriam implantar a ordem romana novamente – se tornariam soldados e oficiais do Exército Imperial, lutando para preservar o Império e fieis ao Imperador, com quem enxergavam ter um laço direto, estabelecido pelo *foedus*, o tratado que lhes transformava de alguma maneira, em pertencentes àquele mundo romano (WOLFRAM, 1988: 133).

Agora como federados imperiais, os Godos deviam obrigações para com o Império e, em sua visão, o Imperador. Eram confiáveis na medida de seus próprios interesses, mas possuíam um senso de lealdade a Teodósio que admirava mesmo os cronistas que lhes antagonizavam. Na visão gótica o tratado de 382 era com o Imperador e não com o Império.

O serviço no Exército Imperial havia transformado os Visigodos em uma força de choque a serviço do próprio imperador, com status mesmo de elite, tanto na infantaria

quanto na cavalaria. Entretanto a relação, que parecia a melhor possível, sofreria um trauma com o aparecimento de uma figura que se tornaria muito importante dentre os Godos: Alarico, que vinha de uma família nobre entre os Tervingi. Ele seria o primeiro godo a romper o tratado de 382 (KULIKOWSKI, 2008: 188-189).

Em 391, Alarico liderou uma força de rebeldes godos que saiu do território federado e seguiu para o sul, na direção da Macedônia. O imperador saiu em marcha com tropas do Exército Imperial, sendo emboscado no rio Hebrus, e quase foi morto na luta, sendo salvo pelo general Promotus. Teodósio deu o comando das operações contra Alarico a Promotus, que morreu em combate pouco tempo depois. Foi convocado para assumir o seu lugar um outro personagem importante nos anos que se seguiriam: o general Estilício, que com grande capacidade, derrotou e cercou Alarico em 392. Por ordens de Teodósio, Estilício teve de deixar Alarico ir, após este se render e fazer a paz com o imperador. O Império não podia se dar ao luxo de destruir uma força de "bárbaros" federados (WOLFRAM, 1988: 137).

No mesmo ano, surgiu a crise no ocidente. Valentiniano II, deixando como imperador por Teodósio não conseguia se fazer respeitar, e estava frustrado com o general franco Arbogast, que ditava como ele deveria governar. O imperador do ocidente tentou demitir o general, mas Arbogast simplesmente ignorou-o. O jovem Valentiniano II suicidou-se ou foi assassinado e Arbogast definiu um poeta e burocrata, Eugenius, para ser o novo imperador do ocidente, contando com o apoio do Senado de Roma e boa parte da elite da cidade, ainda pagã e que odiava o imperador cristão.

Os Visigodos foram convocados e Teodósio ordenou uma mobilização em massa. Não se tratavam de unidades do Exército Imperial com soldados godos, de um exército gótico que lutaria junto ao Exército Imperial contra as tropas de Arbogast na Itália. Um grande contingente foi reunido, e, segundo fontes, teria chegado a 20 mil homens, o que é possível pelo tamanho da população gótica estimada, mas difícil pela organização gótica (WOLFRAM, 1988: 138).

Essa força estava sob o comando de Alarico, que estava insatisfeito com o fato de não ter recebido um comando independente nem uma patente militar romana, subordinado ao general Gainas, que era um godo, mas sem linhagem nobre, o que revoltava o jovem príncipe visigodo. Teodósio não tinha esquecido as ações de Alarico em 391, e possuía

desconfianças em relação a ele (WOLFRAM, 1988: 138).

Teodósio marchou rumo à Itália, passando pela Ilíria, onde teria de seguir pelos Alpes Julianos para poder chegar ao seu objetivo. Apesar da sua velocidade de marcha, as tropas ocidentais já guarneciam os passos, o que limitava o imperador a seguir em frente direto para seu inimigo.

O campo de batalha era um planalto em meio às montanhas, onde Arbogast dispôs seu exército e ordenou a construção de um campo fortificado que nada devia aos *lauer* góticos, tendo sua retaguarda protegida pelo rio Frigidus. Teodósio não tinha opção de flanqueá-lo, tendo de realizar um ataque direto. A vanguarda das forças imperiais era composta pelos Godos, com um efetivo preponderante de Visigodos, mas também outros Godos, como alguns Greuthungi que foram colocados sob o comando de Alarico (WOLFRAM, 1988: 138).

A rota de Teodósio era tão estreita que ele não podia nem desdobrar suas forças em linhas de batalha para atacar Arbogast, e o ataque dos Godos foi realizado com as forças dispostas em colunas. Apesar da bravura gótica, as forças de Arbogast estavam muito bem entrincheiradas e mantiveram suas linhas. Ao final do dia, os Godos tinham sofrido pesadas baixas, e as fontes nos dizem que até 10 mil godos teriam morrido em combate no primeiro dia da batalha (MACDOWALL, 2001: 86).

O usurpador Eugenius estava no campo com Arbogast e passou a noite em celebrações com os soldados, distribuindo presentes e fazendo promessas a seus generais. Enquanto isso, Teodósio estava reunido com seu comando militar, que aconselhou a retirar-se e buscar o combate em outro lugar e ocasião. Os generais do oriente não acreditavam que poderiam vencer nas condições em que tinham lutado e ainda chegavam informes de que Arbogast dispusera tropas nos flancos da posição de Teodósio de maneira a isolá-lo nas montanhas.

Mas Teodósio não desistiu. Além disso, as tropas de Arbogast que estavam em seus flancos desertaram para o seu lado, o que lhe renovou as esperanças. Ao alvorecer, as forças imperiais atacaram, surpreendendo Arbogast, que refez suas linhas e novamente manteve a posição. Um sangrento combate se seguiu, com os dois exércitos sofrendo pesadas baixas enquanto se mantinham no campo de batalha. O impasse surgia, mas um evento

espetacular mudaria todo o curso da batalha.

A região até os dias atuais é conhecida por rajadas de vento que chegam a 90, e algumas vezes, 200 quilômetros por hora. O fenômeno se explica porque o ar frio dos Alpes Julianos, em alguns momentos desce depressa demais para ser aquecido pelo ar quente do Mar Adriático, sendo violentamente impelido para baixo então pela diferença de pressão que geram tais ventos tão fortes. O vento é chamado de “*Bora*”.

O vento surgiu, soprando sobre as forças ocidentais, lançando poeira nos olhos dos soldados e impedindo que fizessem uso mesmo de flechas e outras armas arremessáveis, atrapalhando mesmo sua defesa. As forças imperiais avançaram e destruíram as tropas de Arbogast, invadiram seu campo e atearam fogo, destruindo-o (KULIKOWSKI, 2008: 190).

Eugenius foi capturado e levado a Teodósio, sendo decapitado. Sua cabeça foi exibida como troféu, espetada em uma lança e exibida para as forças de Arbogast, que foram dizimadas. O general do ocidente fugiu, se refugiando nas montanhas. Cercado, suicidou-se dias depois a maneira dos nobres romanos quando percebeu não escaparia da fúria do imperador.

Teodósio era o vencedor da Batalha do Rio Frigidus, conseguindo unificar novamente o Império Romano. Poucos meses depois, em 17 de janeiro de 395, Teodósio morreria em Milão. No fim de sua vida, o relacionamento especial que os Godos tinham com o Imperador estava desgastado por diversas razões, e é bem possível que a luta em Frigidus tenha piorado ainda mais a situação. Apesar disso, os Godos se mantiveram no Exército Imperial e fiéis ao Imperador até sua morte (WOLFRAM, 1988: 138-139).

Ao chegar ao final do recorte temporal da pesquisa, cabe a nós entender as transformações pelas quais passou a sociedade gótica. O seu mundo tinha literalmente virado de ponta-cabeça. Nenhum godo que combatia os romanos em Adrianópolis em 378 poderia se imaginar lutando para salvar o Império e assegurar a autoridade do Imperador em 394.

Quase vinte anos após o início da migração, a Segunda Guerra Gótica e os conflitos posteriores em que os Godos vão se envolver produziram mudanças significativas. A sociedade gótica se reorganizou em torno da adaptação da vida em terras romanas, mas sem abrir mão de seus costumes e tradições.

No âmbito do fenômeno da guerra, com o fim das unidades tribais dos Godos e o surgimento dos Visigodos e do núcleo que irá compor os Ostrogodos, mudanças se deram também na forma de combater. A infantaria, principal força dentro dos exércitos do Baixo Império Romano era privilegiada, especialmente pelo seu baixo custo. Era mais fácil preparar um infante que um cavaleiro, que requeria muito mais treinamento, além do caro investimento.

Mas o guerreiro gótico é diferente. Não é um soldado especializado como o romano, e nem mesmo era um soldado, mas um guerreiro. Um homem de armas, que vivia da violência e dela retirava o seu sustento, bem como dos próximos a ele, fossem seus familiares ou, caso fosse nobre, sua corte de guerreiros.

Tal homem não se prende as especializações formais dos romanos. O guerreiro gótico é um infante e um cavaleiro, podendo ser utilizado de acordo com a finalidade de seu chefe no campo de batalha. Essa polivalência gótica na guerra foi muito preciosa ao Exército Imperial quando do uso dos Godos para defender as fronteiras imperiais bem como travar a dura luta no rio Frigidus. Os Visigodos que surgiam, estavam começando a transformar sua cavalaria em uma poderosa força de choque que era temida pelos romanos pelos estragos que era capaz de fazer. Na campanha contra Maximus e depois Eugenius e Arbogast, a cavalaria gótica surpreendeu o inimigo em diversos momentos, lançando cargas devastadoras.

Passando por tais transformações, que vão desde a guerra total contra o Império Romano a cooperação absoluta para salvar este mesmo Império e preservar a autoridade do Imperador frente a usurpadores, os Godos acabaram fazendo da guerra o seu caminho, pelo meio do qual se tornaram importantes protagonistas na história de Roma no século IV, e não meros espectadores ou coadjuvantes ao sabor dos acontecimentos, como em tempos anteriores. Suas ações serviram de inspiração para outros povos "bárbaros", que buscaram seguir seus passos, revolucionando não só a si mesmos como ao Império Romano do século IV.

Bibliografia

- BARBERO, Alessandro (2010). *O Dia dos Bárbaros: 9 de Agosto de 378*. São Paulo: Estação Liberdade.
- FERRILL, Arther (1989). *A Queda do Império Romano – A Explicação Militar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HALSALL, Guy (2003). *Warfare and Society in the Barbarian West 450-900*. London: Routledge.
- HEATHER, Peter (1996). *The Goths*. Oxford: Clarendon Press.
- HEATHER, Peter (1991). *Goths and Romans 332-489*. Oxford: Clarendon Press.
- HEATHER, Peter (1999). *The Visigoths from the Migration Period to the Seventh Century: An Ethnographic Perspective*. Woodbridge: Boydell Press.
- LENSKI, Noel Emmanuel (2002). *Failure of Empire – Valens and The Roman State in The Fourth Century AD*. Berkeley: University of California Press.
- MACDOWALL, Simon (2001). *Adrianople AD 378 – The Goths Crush Rome’s Legions*. Oxford: Osprey Publishing.
- MACDOWALL, Simon (1994). *Late Roman Infantryman 236-535 AD*. London: Osprey Publishing.
- MACDOWALL, Simon (1995). *Late Roman Cavalryman 236-535 AD*. London: Osprey Publishing.
- MACDOWALL, Simon (1996). *Germanic Warrior 236-568 AD*. London: Osprey Publishing.
- SIMKINS, Michael (1979). *The Roman Army From Hadrian to Constantine*. Oxford: Osprey Publishing.
- VALVERDE CASTRO, Maria Díaz (1994). De Atanarico a Valia: Aproximación a los orígenes de la monarquía visigoda, *Studia Historica – Historia Antigua*, 12, 143-158.
- WILCOX, Peter (1982). *Rome’s Enemies Volume I: Germanics and Dacians*. London: Osprey

Publishing.

WHITBY, Michael (2002). *Rome at War 293-696 AD*. Oxford: Osprey Publishing.

WOLFRAM, Herwig (1988). *History of The Goths*. Berkeley: University of California Press.